

Jornal Campo

quinzenário

de

PREÇO

1\$50



Ourique

NT

EDITORIAL

Mais do que a necessidade de uma simples opção partidária, é fundamental, no actual momento político que todos nós procuremos informarmo-nos e esclaremo-nos sobre os problemas que nos afectam individualmente e também sobre os problemas que afectam, aqueles que nos rodeiam, sobre as suas causas e maneiras de os resolver.

Todos nós devemos tomar consciência de que as dificuldades com que se debate a sociedade portuguesa neste momento de transição, nos dizem respeito e que é sobretudo a todos nós que compete solucioná-los.

Para isso devemos-nos unir uns aos outros em todos os lugares, nas fábricas, nos escritórios, nos clubes, nas escolas, nos bairros, etc., para juntos debatermos os nossos problemas e tentarmos encontrar a melhor maneira de os resolver.

O jornal de Campo de Ourique surge assim da necessidade de nos informar e esclarecer sobre os principais problemas que afectam o bairro de Campo de Ourique em particular, e a sociedade portuguesa em geral.

O jornal de Campo de Ourique pretende ser um elemento dinamizador, um estímulo que nos ajude a agrupar em torno dos nossos problemas concretos, que nos faça pensar sobre eles e que nos leve a tentar encontrar a sua melhor solução.

O jornal de Campo de Ourique será uma maneira de nos fazer participar na construção de uma sociedade melhor.

O jornal de Campo de Ourique contribuirá para formar a base de uma esclarecida consciência política.

O PROBLEMA HABITACIONAL

28 de Maio de 1926, os grandes senhores da terra, a CUF e o clero resolvem arredar todos os obstáculos que impedem a exploração a fundo do país que consideram seu.

Instalam, para isso, o regime que mais lhes convém, o FASCISMO!

Durante quase meio século fizeram crescer as suas fortunas utilizando TODOS OS MEIOS!

Durante quase meio século reduziram um povo inteiro à miséria e à ignorância.

25 de Abril de 1974, umas horas chegaram para derrubar um regime apodrecido, pondo a nú tudo o que tinha sido escondido durante a medonha noite fascista!

A verdade nua e crua aparece e só os cegos a não veem!

Na parte referente à habitação - um
(cont. na pag.2)

entrevista com a comissão de moradores dos 7 moinhos

OS SETE MOINHOS é um conjunto de 200 fogos situados num dos extremos do bairro onde vivem á volta de 600 pessoas.

Os trabalhadores que lá moram uniram-se á volta de uma comissão de moradores que se propõe lutar pelo direito a uma habitação com as condições necessárias para eles e para os seus filhos.

Para recolhermos a sua experiência de luta fomos entrevistá-los.

(cont. na pag.3)

(continuado da pag.1)

dos direitos fundamentais do homem-
verifica-se que só em Lisboa e arre-
dores, 20.000 famílias vivem em barra-
cas e mais 40.000 em quartos e casas
sem condições

Isto significa que perto de 400000
homens, mulheres e crianças estão pri-
vadas do direito à habitação!

Do outro lado os "Senhores-Fulanos-
de-Tal" têm várias casas, em vários
lados, para as várias épocas do ano,
para as várias férias que gozam duran-
te 12 meses de ociosidade!

Enquanto muitos milhares de trabalha-
dores não têm água canalizada, não
têm uma simples retrete e vivem à mar-
gem de uma cidade que exhibe o luxo de
uma minoria, os "Senhores-Fulanos-de-
-Tal" levam-se em banheiras que mais
parecem piscinas, em águas perfumadas
com produtos que custam milhares de
litros de suor mal cheiroso dos traba-
lhadores!

Numa cidade que precisa de 4.000 ha-
bitações por ano, vamos partir de um
atrazo de 60.000 casas!

Este é um dos aspectos mais sombrios
da herança deixada pelo fascismo!

Apela-se para o povo para que traba-
lhe no duro! Como será possível conse-
guir tal sacrifício se os "Senhores-
-Fulanos-de-Tal" continuarem na situa-
ção de privilégio em que estão?

É NECESSÁRIO QUE RESTITUAM O QUE TIRARAM AO POVO

Em Campo de Ourique há falta de 6000
habitações e só na zona limitada pela
rua Arco de Carvalhão, Sete Moínhos,
Rua Maria Pia, e Alcantara vivem per-
to de 4.000 famílias nas condições
mais degradantes.

Não existem escolas suficientes, nem
creches, nem jardins infantis além
de muitas outras coisas que são ne-
cessárias á habitação!

Enquanto se procura conseguir unir
o povo para resolver os seus proble-
mas, os proprietários das casas va-
gas brincam com as leis, só alugam
as casas a quem der muitos contos de
reis, alguns chegam a dizer que "estão
à espera que isto mude", outros fin-
gem que já alugaram, etc, etc.

E o povo sente que o 25 de Abril te-
rá de ir muito mais além se quiser
sobreviver!

E também sente que precisa de estar
bem unido para fazer face aos "Senho-
res-Fulanos-dé-Tal" que procuram di-
vidi-lo, para o enfraquecer, e a se-
guir reduzi-lo de novo á escravidão!

A UNIÃO FAZ A FORÇA!

**É DENTRO DAS COMISSÕES DE MORA-
DORES QUE TODOS DEVEREMOS ESTAR
PARA VENCER!**

ALGUNS DADOS SOBRE CONDIÇÕES DE HIGIENE DO MEIO AMBIENTE (PORTUGAL 1970)

	Percentagens de população servida
I-AGUAS DE ABASTECIMENTO	
Distribuição ao domicílio.....	49
Condições boas.....	25
" irregulares.....	10
" más.....	5
Distribuição por fontenário.....	27
Sem distribuição.....	33
II-AGUAS RESIDUAIS URBANAS	
Com rede de esgoto.....	17
condições boas.....	10
" más.....	7
Com fossas colectivas.....	0,3
Sem sistema de esgoto.....	82,7
III-LIXOS URBANOS	
Com recolha e tratamento.....	14
" " " sem ".....	25
Sem recolha.....	61
V-HABITAÇÕES	
Com cozinha, retrete, e casa de banho.....	20
Com condições deficientes.....	20
Sem condições aceitáveis.....	60
Numero de habitações novas necessárias nos próximos dez anos (segundo a Direcção-Ge- ral dos serviços de urbanização).....	800.000

FONTE: Inquérito do MOP(1970)

entrevista com a comissão de moradores dos 7 moinhos (continuação)

JCO: Gostava que comessassem por me dizer, os vossos nomes, a profissão e à quante tempo habitam nos 7 Moinhos?

1º Morador- Prazer Vilas, sou viajante e moro nos 7 Moinhos à 28 anos.

2º Morador- Isabel Vilas, sou doméstica e moro aqui à 28 anos.

3º Morador- Moro na rua dos 7 Moinhos Pátio da Cambaia 21, nasci aqui à 42 anos, sou doméstica.

4º Morador- Moro nos 7 Moinhos desde que nasci à 37 anos, sou cortador e chamo-me Carlos Graça da Silva.

JCO: Como nasceu a ideia de se formar esta comissão?

4º Morador- Esta comissão formou-se para melhoramentos da nossa rua, que não tem esgotos não tem nada. Não se admite que numa cidade de Lisboa, onde nós vivemos tal exista. As entidades responsáveis devem solucionar o problema para que no nosso país não haja casos de cólera como este ano.

JCO: Por quantos moradores é formada esta comissão?

1º Morador- Somos 8; o Jaime, o Mendes, eu, a Regina, a Isabel, etc.

JCO: Pessoalmente o que vos levou a vir trabalhar para esta comissão de Moradores?

2º Morador- Para ver se conseguíamos casas decentes, se não fossem casa ao menos esgotos e água que não temos.

4º Morador- Esta comissão formou-se com a intenção de se conseguirem casas novas, o que seria ideal, caso não pudesse ser que se fizessem diversos melhoramentos como por exemplo obrigar os senhorios a porem água e

3º Morador- Eu vim trabalhar para este meio porque vivo eu, o meu marido e um filho com 9 anos. Tenho um filho na tropa que quando vem a casa dorme na cozinha porque não tenho onde deitá-lo.

1º Morador- Nós não nos preocupamos só com o nosso problema pessoal estamos a lutar pelos problemas de todos.

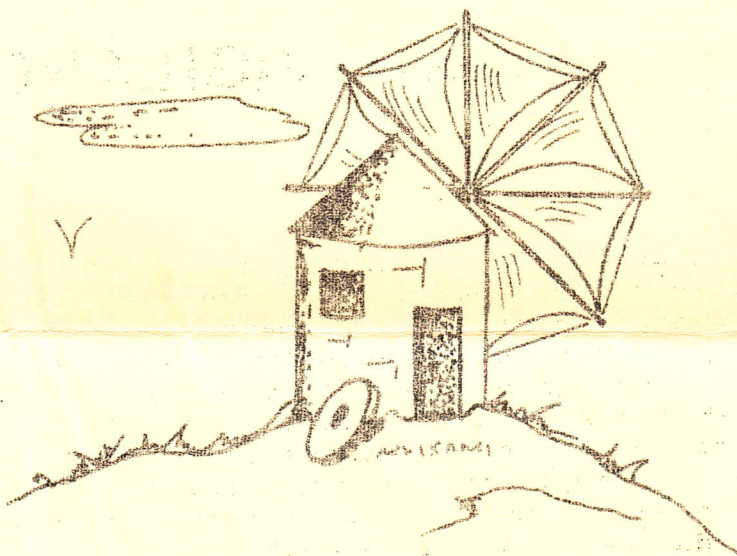
JCO: como é que a população mostrou o seu apoio a esta comissão?

1º Morador- A comissão de moradores foi aprovada numa reunião em que estavam 200 a 250 pessoas. Outras ficaram em casa com frio ou com medo de virem para a rua, mesmo assim a sala do AFC estava quase cheia.

4º Morador- Nessa reunião todos os moradores ficaram esclarecidos daquilo que nós pretendíamos fazer.

JCO: Quais são as principais deficiências da zona?

4º Morador- A principal deficiência da rua dos 7 Moinhos são os esgotos, a segunda é a falta de água, 95% das casas não têm água, depois não temos contentores para o lixo, e a recolha é deficiente. Temos aí um muro que é um perigo para as crianças e para os carros outros problemas são as casas em ruína e outras sem condições. Famílias que dormem 5 pessoas num quarto, etc. Foi entregue um caderno reivindicativo à EPUL que é uma empresa ligada à Câmara, onde se focaram todos estes pontos



JCO: Qual tem sido a opinião dos outros moradores acerca do vosso trabalho?

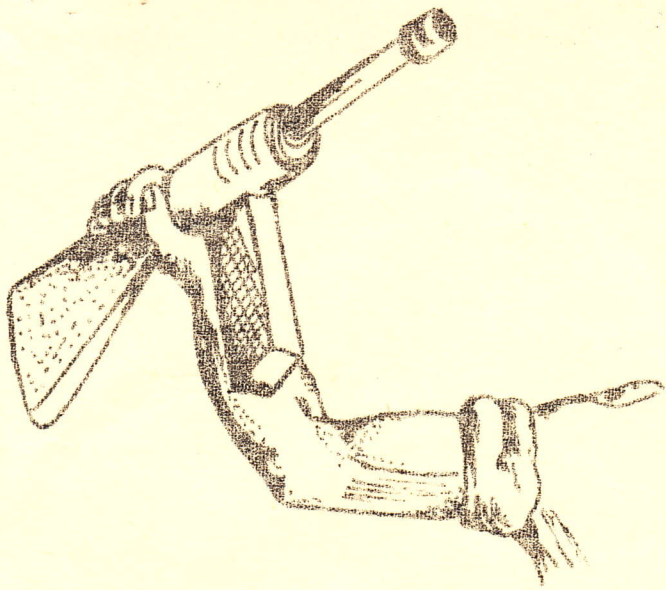
1º Morador- Estamos satisfeitos; isto é estão satisfeitos até um certo ponto. Se conseguíssemos arranjar casas para os mais necessitados viam que estamos a andar no bom sentido.

2º Morador- Uns bem outros mal. Dizem que isto não dá nada que a Câmara não quer saber da gente, nem faz coisa nenhuma.

4º Morador- A Câmara pode fazer sem duvida porque os capitalistas têm muito dinheiro. Se fôssemos buscar o dinheiro aos capitalistas automaticamente a Câmara tinha muito dinheiro para fazer casas para os pobres.

1º Morador- Pois, ao Champalinaud e a esses.

JCO: Como encaram o vosso trabalho futuro
(cont. na pag. 8)



O FASCISMO NÃO PASSARÁ

reforcemos a **VIGILÂNCIA POPULAR**

O 25 de Abril, deu lugar, com o derrubamento do fascismo, a uma transformação socio-política da sociedade portuguesa. Transformação essa que veio beneficiar largas camadas da população, mas que encontrou logo de início e continua a encontrar forte oposição dos sectores reaccionários tais como: grande capital monopolista, latifundiários, imperialismo internacional, colonialistas etc. Até aqui as massas populares em unida de com os sectores progressistas do MPA acuberam travar o passo á reacção. O exemplo mais recente foi o 28 de Setembro. A acção de vigilância das massas populares foi fundamental para quebrar a actuação reaccionária da "Maioria silenciosa". Mas o fascismo apesar das derrotas sofridas não desarma enquanto o capitalismo subsistir, pelo que á que manter e reforçar a vigilância popular como forma de luta para a defesa e consolidação das conquistas alcançadas. Há que manter e reforçar a vigilância popular como forma de cortar o passo aos avanços da reacção.

Para que a vigilância seja eficiente devemos manter-nos unidos e organizados e devemos em toda a parte exercê-la:

LOCAIS DE TRABALHO, desmascarando as manobras do patronato e elementos provocadores.

NOS BAIRROS, controlando todos os individuos suspeitos impedindo, por todas as formas, que eles realizem as suas reuniões conspirativas e se organizem.

UNIDADE POPULAR CONTRA O FASCISMO

UNIDOS E VIGILANTES VENCEREMOS

FORMEMOS GRUPOS DE VIGILÂNCIA

"Se queremos Transferir a nossa sociedade numa nova sociedade temos de ser capazes, por um lado, de compreender quais são as suas características principais na actualidade, como é que se explica o seu caracter "Capitalista decadente", que papel desempenhou o imperialismo na nossa situação actual de sub-desenvolvimento e, por outro lado, saber com que forças sociais conta a classe operária para lutar contra esta situação."

Do livro "EXPLORADOS E EXPLORADORES" n.1 da colecção "Cadernos Politicos de Educação Popular" extraimos os textos que aqui apresentamos:

"As revoluções sociais não são feitas pelos individuos, pelas "grandes personagens", por muito brilhantes ou heróicos que sejam. As revoluções sociais são feitas pelas massas populares. Sem a participação das grandes massas não há revolução. É por isso que é uma das tarefas mais urgentes neste momento que os trabalhadores se eduquem, elevem o seu nível de consciência, se capacitem para responder ás novas responsabilidades que surgem dentro do processo revolucionário que o nosso país vive.

Sem o trabalho dos mineiros as pirites o uranio e outras riquezas minerais ficariam para sempre enterradas. Sem o trabalho de muitos homens as águas dos rios perder-se-iam no mar sem ser aproveitadas para iluminar as cidades e fazer andar as fábricas. Sem o trabalho dos pescadores o mar não entregaria os seus peixes. Sem o trabalho dos camponeses, a terra não entregaria os seus frutos.

É PORTANTO O TRABALHO DOS HOMENS QUE PERMITE ARRANCAR À NATUREZA AS SUAS RIQUEZAS. MAS A QUE MÃOS É QUE VÃO PARAR AS RIQUEZAS? VÃO PARAR ÀS MÃOS DOS TRABALHADORES?

NÃO. Todos sabemos que a esmagadora maioria da riqueza criada pelos trabalhadores vai parar às mãos dos capitalistas. Uma pequena minoria da população recebe a esmagadora maioria do rendimento criado pelos trabalhadores, que ficam com as migalhas. Enquanto os trabalhadores têm que viajar pendurados nos autocarros, os seus patrões têm 2 ou 3 carros. Enquanto a maior parte

As comissões de Recenseamento foram escolhidas segundo o seguinte critério: 1 elemento de cada partido da coligação indicado por esses partidos, 1 elemento do MDP-CDE e um independente escolhido pelos elementos da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia.

Os recenseamentos serão feitos na Freguesia da sua residência habitual.

As comissões de recenseamento funcionarão na sede das Juntas de Freguesia, ou em local por eles previamente anunciado em todos os dias durante o período de inscrições das 19 às 23 e aos sábados, domingos e feriados das 9 às 12,30 e das 15 às 20 horas.

Ninguém pode estar inscrito mais do que uma vez no recenseamento.

COMISSÃO DE RECENSEAMENTO DE S. CONDESTÁVEL:

Alfredo Gonçalves
Rua Tenáz da Anunciação, 17-2
Agente de seguros
Partido Socialista

Fernando Ribeiro Couto
Rua Azede Gaece, 69-1
Funcionário da Embaixada Americana
Partido Popular Democrático

(CONT. PAG. 8)

dos trabalhadores se tem um fato decente, quando o têm, os seus patrões têm os guarda fates cheios de fates. Enquanto os filhos dos trabalhadores se alimentam mal e muitas vezes prejudicam a sua saúde e a sua inteligência com isso, os filhos dos patrões deixam pratos cheios de comida que vai para o lixo, porque já estão fartos de comer.

PORQUE É QUE UM PUNHADO DE CAPITALISTAS ACUMULA TANTA RIQUEZA ENQUANTO A MAIOR PARTE DO POVO TEM APENAS O INDISPENSÁVEL PARA SOBREVIVER?

PORQUE RAZÃO FORAM ELLES E NÃO OS TRABALHADORES QUE ACUMULARAM RIQUEZA, QUANDO FORAM ESTES ÚLTIMOS QUE EXTRAIRAM AS RIQUEZAS DA NATUREZA E, COM O SEU TRABALHO PRODUZIRAM NOVAS RIQUEZAS?

NÓS PRECISAMOS DE PATRÕES ?



ENTREVISTA COM MODESTO NAVARRO

António Modesto Navarro, nasceu em Vila-Flor, Trás-os-montes. Tem 32 anos de idade. É escritor. Militante do MDP desde 1969, sendo membro da sua comissão executiva desde princípios de 1974.



JCO: Como nasceram as jornadas democráticas?

MN: Nasceram de uma necessidade de aprofundar o nosso trabalho. Nós vinhamos desenvolvendo um trabalho de mobilização das populações e a certa altura tornou-se importante prescrutar mais profundamente as suas necessidades para melhor as mobilizar.

JCO: Quais os objectivos das JD?

MN: Os objectivos das Jornadas foram por um lado o de nos dar, a nós activistas, a capacidade de resolução de qualquer questão; Nada nos deve ser estranho face à situação política, social e económica portuguesa. Por outro lado organizar as populações para lutarem pelos seus interesses.

JCO: Na tua opinião, as jornadas obtiveram o êxito esperado?

MN: Eu penso que já obtivemos o êxito que desejamos, e vamos continuar a obter, na medida em que as jornadas vão continuar.

JCO: Porque é que não existiam delegações de outros partidos na sessão de encerramento das jornadas democráticas nomeadamente, a do MFA que chegou a ser anunciada?

MN: Penso que foram todos convidados. De facto existiam pelo menos uma ou duas delegações os outros, pelas suas vistas curtas em matéria política, vêm mais os interesses políticos sectários dos que os interesses do país de unidade. Em relação à do MFA, a sua comparência consagrou-se na presença do Ministro do Trabalho Cap. Costa Martins que esteve na sessão de abertura. Quanto à sua não comparência na sessão de encerramento não tenho conhecimento das razões.

JCO: Diz-nos porque é que o MDP se transformou em partido?

MN: A transformação do MDP em partido foi devido por um lado aos ata-

ques profundamente injustificados que tanto vinham da direita, portanto da reacção, como de partidos que não são reaccionários mas que nessas atitudes o foram, como
(Cont. na pag.8)

QUE TODOS NOS APOIEM!

COLABOREM NO JORNAL!

Para que o jornal cumpra a sua missão. Para que seja um organismo colectivo de todos os moradores, á volta dos problemas que nos afectam. É necessário que todos nós participemos nele.

Qual pode ser a nossa participação?

Formando uma rede de distribuição militante.

Enviando críticas sobre a sua actuação e sugestões sobre os assuntos que nele, gostaríamos de ver analisados.

Escrevendo artigos, como por exemplo, relatando as condições em que trabalham ou vivem etc.

APOIEMOS O JORNAL!

LUTEMOS PELOS NOSSOS INTERESSES!

(No próximo numero, haverá uma secção de cartas dos leitores.)

Toda a correspondência do jornal deve ser enviada para Rua Freitas Gazul, nº 22 - 3º Esq.

Sejam o partido Socialista e o PPD. Aliás eu considero o PPD um partido bastante reacccionário na medida em que defende teses pro-capitalistas. Ele é todo um partido capitalista, as seluções ou transformações que nos sugere, são transformações que apenas agradam ao capital. Por outro lado fez sobretude de vião à saída da lei eleitoral; nós entendiamos que devíamos continuar como estavamos, de resto a nossa transformação é apenas para cobrir uma faixa política onde nos interessa continuar a desempenhar o nosso papel. Aliás a população exige que nós participemos no período eleitoral que apresentemos candidaturas, pois de outra maneira deixaríamos um largo campo à disposição de partidos reacccionários, que não merecem, efectiva-

mente, o apoio político das populações, e que, com o nosso desaparecimento, poderiam vir a beneficiar desse apoio. Foi a partir desta fase que nós transformamos em partido.

JCO: Fazes ao leque partidário existente gostaria que nos esclarecesses de qual o enquadramento do MDP?

MN: A prática o dirá. A minha ideia é de que o MDP, no seu trabalho prático em relação à organização e solução dos problemas concretos de todo o país, vai desempenhar uma tarefa extremamente revolucionária. Poderá não o ser nas "Grandes Declarações" que alguns partidos fazem, mas isso

é conversa que ao fim e ao cabo em nada resolve as situações concretas.

JCO: Quais os métodos de trabalho que vão ser adoptados pelo MDP após a sua transformação em partido?

MN: Vão ser adoptados os mesmos métodos que têm sido adoptados até aqui. O MDP vai ser exactamente no seu conteúdo e acção como sempre foi. Talvez agora, até de uma maneira mais concretizada, porque, depois de elaborarmos os estatutos e o programa, as pessoas saberão melhor aquilo que pretendemos e aquilo que somos. Temos que aprofundar mais o nosso trabalho, temos que nos preparar melhor com vista à solução dos problemas com que deusemos, temos de ter no fundo um grande orgulho do nosso trabalho e uma grande força para impôr a quem quer que a partir de agora queira opor-se ao MDP como partido.

O MDP como partido, não pode mais aceitar situações de crítica de "boa vontade". A partir deste momento esta

mos paralelamente aos outros partidos. De qualquer modo podemos nós activistas do movimento considerarmo-nos extremamente orgulhosos da transformação do movimento em partido, extremamente orgulhosos da tarefa que já desenvolvemos e da tarefa que vamos desenvolver.

(CONTINUADO PAG. 6)

João dos Santos Deros
Rua Sampaio Bruno, 32-2
Gerente Industrial
Movimento Democrático Português-CDE

Luís Filipe Fernandes Bandeira Vaz
Rua Sampaio e Bruno 52-1
Desenhador
Partido Comunista Português

Maria Manuela Rodrigues da Silva
Rua Almeida e Sousa, 44-4A
Geografa

COMISSÃO DE RECENSEAMENTO DE S. ISABEL
Maria Natália Correia Calças
Travessa de S. Plácido, 42-2 dir.
Professora
Partido Comunista Português

Alfredo Beakentura Estevão Osório dos Anjes
Rua de D. Dinis 22-1 dir.
Licenciado (professor)
Movimento Democrático Português-CDE

António Maria Trigueira de Sousa Alvim
Rua Gorgel do Amaral 4-r/o esq.
Emprego de Escritório
Partido Popular Democrático

António Teixeira Duque
Rua Silva Carvalho, 70-J esq.
Vendedor
Partido Socialista

Maria Manuela Araújo Ferreira Marques
de Carvalho
Rua do Sol ao Rato, 33-3 esq.

(cont. pag. 3)

4-Morador- A comissão de moradores está esperancada que isto não fique em branco. Se menos para dar uma satisfação à população da nessa rua.

1º Morador- Há aí meia dúzia deles que não acreditam mas nós não temos nada com isso. Nós cá temos a nossa fé e é sempre para a frente. Eu cá não sou daquelas pessoas que desanimam. Tento sempre até ao fim, até cair.

3º Morador Vamos a ver se vale a pena o nosso sacrifício e se conseguimos alguma coisa.